



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Galato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

CRÓNICA DA CASA DO PÔRTO

HOJE não é o cronista; sou eu. O Mário houve de regressar a Paço-de-Sousa. Era o refeiteiro, mas um dia teve saudades, saiu de casa e foi para a rua pedir tostões. Quando deram com êle, já tinha atravessado a ponte e andava em Gaia: um tostãozinho, meu senhor!

O Mário é nosso há quasi um ano. E' um dos que não sabe dar conta aonde nem de quem nasceu. Uma vez em Paço-de-Sousa, reasumiu as funções de refeiteiro que antes tinha e frequenta a escola da noite, ali, até ganhar calo.

No Pôrto, é das 9 às 11 da noite e desta forma coincide com o horário dos nossos que frequentam cursos nocturnos, em escolas officiais.

Chegaram mais dois gaiatos: para serem colocados no Pôrto o Licínio e o Manuel.

O primeiro veio da Casa de Miranda do Corvo. Da sua autobiografia, agora nas mãos dos senhores da Camisolândia, onde o rapaz trabalha, recorto esta passagem:

«Eu tinha lá o meu pai e êle via-me todos os dias e nem olhava para mim e êle era fidalgo mas agora já se casou e tem um filho».

O pequenino engeitado, com aquêle seu fidalgo, quer dizer que o pai é rico. Fidalgo—não. Se o fôra, tomaria conta. Um nadinha mais adiante, do citado documento, extraio estes dizeres:

«Eu agora já estou bem limpo e já durmo numa cama eu nunca dormi de roupa lavada».

Uma grande parte da população das nossas prisões, nasce da vadiagem e esta de pais assim!

Os tratos do mundo, de tal sorte atrazaram esta creança que, ao chegar às nossas mãos, em Outubro passado, ninguem diria que ela tinha 13 anos de vida! E que vida!

Para onde iria este rapaz, se não tivesse entrado na porta da Casa do Gaiato e dela, na da Camisolândia?

E se êle tivesse ficado nas ruas, perdido e criminoso, quem poderia chama-lo a contas, com justiça, sem antes chamar o pai; quem? Quando oiço falar nos Paramentos de propostas e leis que mexem com a estrutura da nação, fico sempre a suspirar, e pergunto-me quando há-de chegar o dia de uma lei comezinha que ninguem possa torcer, com força de obrigar à restituição fidalgos e plebeus. Não acabariam os engeitados, mas sim as facilidades de os pôr no mundo, e daí a sua natural diminuição.

O segundo garôto, o Manuel, vai-se colocar na oficina de Tipografia da Casa Nun'Alvares, para ser mais tarde o chefe da nossa oficina, na «Aldeia». Como o Licínio, êste rapaz é fruto de uma outra desgraça nacional. Depois de ter saído de uma benemérita instituição de caridade por ter feito catorze anos, andou por lá a dormir nos palheiros, até vir dar à nossa porta. E' uma outra forma de engeitar filhos, talvez um nadinha mais perigosa, por ter o amen do cléro, da nobreza e do povo. Entrou nos costumes. Os homens bons assinam. Doe-lhes, sim, a sorte dos engeitados, justamente porque são bons—mas assinam! E' do estatuto da benemérita casa. Que podem êles fazer contra a letra?

Este metodo de amparar, pede naturalmente uma revolução... do espirito. Não há ninguem que não saiba que êle, o tal metodo, é incompleto. Todos nós temos presenciado como às vezes, tantas vezes, se perdem num instante todo o esforço mai-las despesas feitas com o amparado, pela imperfeição da obra.

E' um filho que se engeita e não um homem que se coloca. E se êste meu filho Manuel, continuando, como andava, a dormir pelos palheiros, fôsse chamado amanhã à barra, quem poderia,

com justiça, condená-lo às galés?! Sim; torna-se necessária uma revolução do espirito, porque estas verdades andam no espirito de tôda a gente.

A's vezes succede passar a gente por uma estrada e vêr à beira dela uma obra que se não acabou. Tanto mais mal nos parece, quanto mais arte ela tem; e procuramos logo entrar nos porquês de um tal desleixo.

Pois a nossa Assistência que publica quer particular, por enquanto é quasi tôda assim. Não tem telhado. As contas andam tôdas erradas. E' tudo falso. Dá-se mais valor aos algarismos do que à personalidade e ao destino eterno do rapaz, e aqui é que está o êrro.

Mas porquanto lhe fica cada rapaz? eis a pergunta que me teem feito muitos senhores directores de asilos, que ficam sem saber, porque eu também não.

Costumam chamar carolice

aquela aflicção interior de prestar contas a Deus, em boa consciência, pelos engeitados que nos procuram; e carôla, ao que assim se aflige. Ora como estas palavras cheiram a pingos de cera de altar, prefere-se, em regra, ser funciônario desempoeirado de estabelecimentos irrepreensíveis, que publicam todos os anos seus importantes relatórios.

Agora é certo

No Olimpia, dia 5, sabbado às 21,30. E logo no seguinte outra vez, às 16 e às 21,30. Não faltes, que eu também não.

COMUNICAÇÃO

Quando foi da instalação, em Miranda, da Casa do Galato de Colmbra, tirei-me dos meus trabalhos e dei volta pela cidade, à procura de subscritores, no que fui muito feliz.

Não fôram muitos, que a cidade é pequenina, mas foram certos. Já lá vão quatro anos e nenhum desistiu. Cada seis mezes, vai o nosso cobrador à porta, e recebe as cotas de cada um, sem discussão nem aborrecimento. Ora muito bem.

Nós temos agora no meio da cidade do Porto a Casa do Gaiato do Porto. Andamos à espera de ocasião oportuna, para dar uma volta, como aconteceu em Colmbra. O número de

subscritores espontâneos que teem já precedido, é augurio de muitos mais. Parece que não havemos de perder os nossos passos e que hei-de encontrar em casa, no seu lugar, os a quem fôr bater.

E' preciso não dar à obra por causa do SANTO, mas sim por causa da obra. Não façamos como as beatas. Era de uma vez uma, muito rica e muito devota, que dava inúmeras oolsas para a igreja da sua terra. Mas eis que um certo dia esocamou-se com o senhor abade, e mandou buscar tudo para sua casa! Ora assim não está certo.

«O Gaiato», foi visado pela Comissão de Censura

ULTIMO DO JORNAL

O Zé saltimbanco, deu conta de 110 exemplares e trouxe de acréscimos 51\$60. O António, vendeu 50 e deu a mais 11\$00. O António trabalha de dia e vai à noite à escola. E' um franganito de crista. Há dias, tomou-se com o Maioral: *Tu és mas é um armante; andas a armar em chefe.* Ao que o Luciano respondeu com 4 lambadas. A Governante acudiu e o Assistente disse o que convinha, depois do que deram-se as mãos e fizeram as *pazes*, — até ver! O Amadeu, é um pequenino *az* da venda; despachou 290 números e colheu de acréscimos 51\$00. O Oscar, navega nas mesmas águas; vendeu 250 dêles e entregou quasi 20\$ a mais. O Mário, foi a primeira vez, e portou-se à altura dos mais; 105 gazetas e 4\$50 de esmolas. O Licínio, agora empregado no Porto e antigo vendedor de *O Gaiato* em Coimbra, não parece ter entrado na venda com o pé direito; apenas 49 jornais e 8\$50 de acréscimos! O Júlio, ainda leva a camisola amarela. Os companheiros fazem-lhe justiça: — *Como êle, nenhum de nós.* Vendeu 380 jornais e trouxe uma pancada de acréscimos. O Luciano, chegou a casa como a abêlha ao cortiço; 2 assinaturas pagas, uma carta com objectos de ouro e de prata para o nosso cálice e ainda, para o mesmo fim e da mesma pessoa, 250\$00. Vendeu, também, 100 jornais e entregou 26\$ de esmolas. Sim senhor.

O Oscar, contou-me de como um matulão lhe quiz apanhar alguns jornais, para os vender depois, de sua conta, mas êle, não. *Tu não me levas o cêbo; sêmos só a gente a vender o Gaiato.* Foi assim que o Oscar respondeu, para usar as suas gloriosas palavras. E o matulão desandou.

Não me quero retirar hoje dêste capítulo, sem firmar a minha gratidão às gerências da Ateneia, da Arcádia e da Palace; e bem assim de todos os Cafés, onde estes graciosos vendedores vão buscar em migalhinhas, o pão que comem na sucursal do Porto. Sim; digo bem. O que eles recolhem aos dias de venda, graças à entrada franca naquelas casas, dá para a alimentação dos que hoje formam a casa do Porto, à rua D. João IV 682, casa vossa. E desta sorte, para decôro de todos e bem da nação, os miseráveis da pedincha de ontem, entram hoje de cabeça levantada, humildes e felizes, a buscar o produto do seu trabalho.

Por causa da bola

Chegou a revista Flama. Vieram 3 números. Um instante fiquei sem nada! E' tudo por causa do football—tudo!

A's segundas feiras, com O Comércio, é na mesma. Como o jornal é só um, êles estendem no chão a página desportiva, à hora do recreio, e deitam-se de bruços numa grande roda, com lágrimas ou sorrisos, consoante a sorte dos seus clubes. A's vezes há pancada. A gente deixa que os rapazes se batam.

NÃO sabemos que mais admirar nêstes filhos das ervas; se a astúcia das fugas ou a grandeza do regresso, porque de tudo êles teem.

Alguns, na verdade, fogem. A população das nossas casas, não é composta de orfãos; o pensamento dominante é que ela, a população, seja de engeitados, do pior. Nós temos a dolorosa missão de arrastar a triste herança de muitas gerações que por ser pesada, muito custa a suportar. E' quasi increditável como estes seres se apresentam! Trajes, costumes, palavras, que horror! Ideias,—nenhumas. Alguns ha que terminantemente se recusam a dormir em camas e fogem para a mata, escondidos nas tocas. Gostam de comer cascas. Amam a porcaria. São portadores da herança. O trabalho, é o maior inimigo dêstes tais. Ele é o papão, a causa única porque desertam.

Quasi todos voltam e submetem-se aos castigos generosamente. O *Avosinha*, por exemplo, o *menino bonito* do refeitório, deu serventia aos pedreiros, as horas da marca, e sem merenda, para merecer o posto que tinha.

Se na verdade, por graça de Deus, a gente fôr capaz de levantar alguns dêstes ao nível de vida humana e conduzi-los ao ponto de constituir familia para que dêem aos seus outra herança; se a gente fôr capaz de os amar com todos estes defeitos e até por causa dêles; se assim acontecer, Senhor do Céu, é sinal de fidelidade à missão. Este prêmio nos basta.

O João Francisco, o guarda encartado das sucessivas ninhadas dos nossos plntainhos, sempre que os franganitos começam a cantar, também êle canta a novidade: *Já cantam os galos!*

Actualmente temos uma galinha a chocar ovos de pata. Há dias, estava a trabalhar, quando oiço bater. Era o João Francisco.

—Que queres?
—Eu também fico a ser dos patinhos?
—Quais patinhos?
—Os que hão-de sair da nossa galinha.

O Zé Sá chegou ontem do Pôrto, direito das ruas. Tem uns onze anos, fortes e resolvidos.

No dia seguinte, entrou no regimento da casa; foi apanhar lenha das pódas, na companhia de outros, chefiado pelo Ernesto, mais novo e mais fraco. Num dado momento, como o chefe *tivesse chegado mostarda ao nariz do Zé Sá*, êste tira-lhe o pau das unhas e assentou-lho nas costas! Nas ruas era

Mais um par de botas. Mais roupas do Luso. Mais do Pôrto 50\$ pela libertação da cidade de Viena, aonde nasci e a minha simpatia por essa obra. Não se pode dizer mais de uma obra, com estas ideias associadas. A carta que trouxe a esmola e o louvor, além da assinatura, mostra a legenda de um formoso *ex libris*: *Volenti nihil difficile.* Mais estas cinco notas de 20\$ arrancadas às minhas economias. Este verbo é activo; marca a violencia necessária ao sacrificio; qualifica a esmola. Mais um venha lá essa lata para eu lhe mandar 50 litros de azeite. Pois sim, meu senhor, lá irá ter. Mais êste cartão: *Queira fazer a fineza de aceitar esta pequenina oferta (10\$00) tirada do primeiro dinheiro que o meu filho ganhou pelo seu trabalho.* Esta mãe que assim procede, não pode, evidentemente transformar o dinheiro em sacramento, como faz o poder de Deus á água das fontes, ao trigo dos campos, ao azeite das oliveiras, ao vinho espremido dos cachos; não pode. Mas, pelo amor que tem ao seu filho, tira-lhe o venêno.

Mais 200\$00 de um visitante. Mais 100\$00 idem. Mais 50\$ da mesma sorte. Mais uma gaita. Mais uma pulseira de ouro, em Miranda. Mais um anel, deixado no Depósito pelo capelão da igreja dos Clérigos. Mais um fio do mesmo, no Depósito, de uma Noélista. Ainda estamos muito aquém do necessário. Logo que chegue á méta, eu apito. Mais 5\$ em estampilhas. Mais 25\$ no Depósito. Mais 500\$ idem. Mais 100\$ de visitantes. Mais 285\$ depositados no Banco Espírito Santo. Mais 20\$ de Coimbra. Mais um pacote de roupas, de visitantes. Mais 20\$ idem. Mais no Depósito 52\$00 e mais 100\$00 e mais outro

NOTÍCIAS DIVERSAS

assim mesmo. Ele chegou ontem de lá. Ainda não teve tempo de aprender as letras da nossa escola. Mas aprendeu muito bem as da rua.

A' noite, damos aos nossos rapazes somente caldo e pão, a não ser aos doentes e a um ou outro que mais trabalham. Mas os mais pequeninos, êstes estão fora da regra. Precisam de bafo de mãe. O Carlos, cozinheiro-chefe, bafeja. Faz uma grande caçõila de batatas e, ao sairmos todos da mesa, vão os miudos em bicha para a cozinha. E' no meio, sobre uma mesa redonda, baquitos à volta e êles também. A essa mesma hora, começam os da loiça a lavar. os do fogão a limpar, cozinheiro a retocar e êstes de tenra idade, ocupados na sua doce obrigação, qual é a de obrigarem os maiores a cuidar dêles.

TEMOS cá um rapaz com uns dezasseis anos de idade e nove de curso tirado num tal organismo de assistência. Não quiere trabalhar. Fugiu. Acossado pela fome, voltou. Mas a lei do trabalho caiu-lhe no lombo, implacável. O moço titubia, pragueja e de novo tentou fugir. Ontem à noite, estava eu no meu quarto e vejo o fugitivo em direcção aos muros da cêrca. Acudo ao refeitório, onde estava a tropa. Berro ao Rio Tinto o acontecimento. Ele e mais sete levantam-se da mesa e daí a nada, traziam o rapaz. Estes, os factos. Na casa onde êle esteve, segundo o rapaz relata e eu acredito porque já vi noutras a mesma coisa, havia um educador para cada dois educandos!

O UVI um tropel nos corredores, na minha pequenina hora de repouso. Os rapazes não compreendem êste repouso,

DO QUE NÓS necessitamos

tanto e mais 20\$00; — tudo ali vai bater. Mais um grupo de amigos de João Ferreira, em sufrágio da alma de sua filha, um conto e quinhentos. Assinam vinte e dois senhores. Fez a entrega Albano Campos. Mais de Gaia, de uma Casa de Ferragens, em vez de pedirem o dinheiro como faz tôda a gente, escrevem na factura: *é com muito prazer que fazemos a oferta desta remessa de ferro.* Até o frete! Em nome dêstes rapazes que querem ser portugueses, um viva com honra, soltado do coração.

Mais 100\$ de visitantes. Mais idem 20\$00. Oxalá se multipliquem e venham muitas vezes e não se esqueçam da carteirinha...

Mais uma volta de ouro, entregue no Lar de Coimbra. Mais uma joia encastoadá em letras assim: *Recordação do meu tempo de ventura. E' pequenina, mas Vós sabeis, Senhor meu Deus, quanto amor lhe tinha e com quanto amor a ofereço.* Mais 20\$ de V. R. S. to António. Mais a noticia de uma medalha de ouro. Espera-se que ela venha.

Mais mil escudos de um visitante. Se eu cá tivesse dêstes todos os dias, botava fora a chapa de mendigo!

Mais 3 dúzias de camisas para os nossos gaiatos, tão boas que nem sei que dizer! Mais 150\$ de visitantes e 50\$ idem. Mais de S. João da Madeira, uma remessa de lápis. Mais um nadinha de ouro velho, de quem diz *quizera eu dar em dinheiro quanto lhe dou em lágrimas, sempre que leio O Gaiato.*

nem a necessidade dêle; por isso, não o respeitam.

O nosso Maioral, presidia, e contaram-me de como o Claudino fôra apanhado longe de casa, em fuga, tendo levado consigo o Virgílio mai-lo Carlos. Todos êles haviam chegado quasi ao mesmo tempo de Evora, de S. João da Madeira e de Gaia, terra do instigador. Relataram com muitos gestos e muitos fremitos, e fizeram pausa, à espera da minha decisão. Eu calei-me. Pois que há-de a gente dizer? Como penetrar na alma destes pequeninos, saudosos de um mal que tãobém lhes parece? E' somente no Evangelho que temos a noticia de que um Hmem vê os nossos pensamentos. Fora disso, — ninguém. Calei-me. Mas o Maioral, não: *Deixe-me cá vê-lo.* Nêsse dia, e desde então, eu tenho visto o pequenino sedutor a trabalhar no campo, à beira do Sérgio e os seduzidos, noutra secção, com o Oscar.

Se êles se não amam uns aos outros, quem nos há-de amar?! Se êles dentro da Obra da Rua, se não levantam por *si mesmos* da lama dos caminhos, quem poderá fazê-lo?!

Qualquer dia há-de aparecer aqui, em fundo, um artigo acêrca da observação apavorante de certos senhores desta comarca: *não há o direito de trazer crapula para esta linda terra de entre Douro e Minho.*

Sim hei-de dizer aqui o que penso destes senhores.

ANDO arrependido, muito arrependido, por ter concedido aos nossos pequeninos chefes o privilégio de cortar o cabêlo à *papo sêco*. E' que agora, por causa daquêle luxo perdem um rôr de tempo, plantados em frente do espelho.

Que é isso, rapaz?
—E' a risca!

Eu antes quero lágrimas! Não que eu ame a dôr, mas sim o Bem que por ela se difunde nas almas.

Soube agora, pelo meu colaborador de Coimbra, que o tal fio de ouro que ali entregaram é um cordão, e diz assim: *Era de minha mãe. E' para o meu Jesus.* Tenho aqui a legenda, da mão da oferente. Esta legenda, como tantas outras que têm vindo, são a matéria prima do nosso cálice. Elas, lume a arder. A força que leva estas almas a desprenderem-se assim do seu ouro, reluz muito mais do que o próprio ouro. E' para o meu Jesus.

Já naquêle tempo se observava com orgulhoso pavor a supremacia do Mestre: *olha como tôda a gente O segue.* O que se dará hoje no silêncio das almas que não crêem, diante dêstes actos de fé!

O cordão de ouro, traz consigo dois amores. Na terra, o maior de tôdos é o de Mãe. *Era de minha Mãe.* E' o que mais se aproxima do amor que o nosso Bom Deus nos tem, êste das Mães.

De uma vez, por não saber o que hoje sei, censurei a Mãe de um recluso, por esta fazer tanto caso do filho que tão mal a tratara. *Não lhe dou mais nada para êle*, disse redondamente. A Mãe do celerado olha e exclama trágicamente: *E' que não nos compreende, padre!* E contou: certa Mãe tinha um filho único, que desbaratou a fortuna com uma concubina. Como percebesse que a Mãe se interpunha, exigiu que êle a matasse e por penhor, lhe trouxesse o coração. Ele assim fez. A noite era escura. O moço caiu, por ter escorregado. O coração falou: *estás magoado, meu filho?*

Amor de Mãe por seus filhos e amor de Jesus por mim são loucura!

De como se portou

O TIROLIRO

a-quando-da visita
Ministerial

Como toda a gente sabe, o Tiroliro é o nosso porteiro. Não se podia ter escolhido coisa melhor. E' ciumento; não confia as chaves a ninguém. Não podemos afirmar que êle seja muito pontual. Às vezes não aparece à chamada e nesta quadra do ano, por causa dos ninhos, muito pior! Ora sabendo nós isso, foi-lhe recomendado que naquele dia, àquela hora, estivesse no seu pòsto. Mas acontece que apareceram muitos carros no largo do Mosteiro, antes da hora, e Tiroliro deserta, chaves na mão. Eu não contava, por isso me não preveni.

Nisto, surge o carro do Ministro. Nunca puxei pela corda da campainha, nem berrei pelo Tiroliro com tanta alma!

Isto deu-se à chegada. A' saída, foi um *nadinha melhor*. Descíamos todos da *Aldeia* e em baixo, dei fé de que alguém chorava desmarcadamente à porta da cozinha do fôrno. Não fiz caso e conduzi a Comitiva à portaria. Porta fechada! Tiroliro ausente!

Num instante, correu voz que Tiroliro se queimara. Era êle mesmo quem berrava na casa do fôrno. Subi as escadas num relâmpago. Dei com o presidente da Câmara a prestar o primeiro socorro. Que acontecera?!

O nosso rapaz aproveitou a confusão para entrar dentro do fôrno, à borôa. Em tão má hora o fêz que, à saída da boca do mesmo, malhou na borralheira e escaudou-se num pé!

Se a porta tinha sido mal aberta, agora, pior fechada. Eu, que me esgotara a dizer bem da organização e que puzera em muita conta o trabalho dos *gaiatos*, — *fiquei mal*. O Tiroliro estendeu-me,

Coisa Singular

Vinha nos jornais. Será verdade? Nem tudo que lá vem o é. Eles viram as coisas com o debaixo para cima e às vezes até dizem o que não é.

O falecido Presidente dos Estados, Unidos diz no seu testamento (disseram os jornais) que os seus cinco filhos poderão escolher cada um, um quinto dos seus bens pessoais e os que não forem escolhidos, serão oferecidos ao Governo. Ora aqui é que está. Não conheço o povo americano. Se rialmente na América existem herdeiros que retiram da massa mui simplesmente aquilo de que necessitam, muito temos que admirar um tal povo.

Cá, não. Que o digam os advogados!

NOTÍCIAS PAGAS

Sem grandes choradeiras e até um nadinha brusco, muito tenho conseguido dos nossos numerosos assinantes. Para usar aqui a frase autorizada do Oscar, tal qual aparece em outro capítulo, êles, os ditos assinantes, têm vindo quasi todos ó cêbo; e hão-de vir todos!

O jornalsito, é pavorosamente revolucionário! Nota-se pelas cartas importantes que se recebem. Nota-se pelo aumento gradual da tiragem. E até, aproveitando esta revelação, venho pedir aos que não colecionam, o favor de mandarem para aqui os exemplares do último número (N.º 30) que possam dispensar.

Nem admira. Todo o jornalsito é aquela carta suspirada que os ausentes recebem das famílias. Carta com que já contam. Carta que não dispensam. Carta que devoram, onde as coisas pequeninas fazem chorar, de alegria ou de tristeza.

Os jornais importantes, falam dos outros. Não trazem notícias de casa e estonteiam pela luz falsa que derramam. O alimento das almas, para ser saboreado, há-de ser simples como elas. O Zé Eduardo a encher do nosso pote uma garrafa, de azeite para levar à velhinha do Muro. A Timaria dos cacos a pedir que lhe chamem os "meninos", antes de morrer. Tantos Pobres que hoje visitam, a canonicizar êstes escorraçados de ontem! Oh! vista que não humedeces! Oh! coração que não choras com notícias dos teus irmãos!

Os jornais desaparecem. Os pequenos vendedores que vão com êles a Paredes, entre a estação de Cete e a daquela vila, com o seu percurso de cinco minutos, despacham dúzias. Eles mesmo narram; "São senhores ricos". Agudíssimos como são, os garotos já descobrimos que a Régua é terra do vinho fino; que há muitos ingleses a viajar naquêlo combóio, com muita massa; que êles são os donos daquilo e que pagam bem "O Gaiato".

Bom artigo em mãos de óptimos vendedores—quem lhe resiste?!
Continua a lista dos desobrigados:

Vitorino António da Costa Ribeiro, 100\$ — do Pôrto. Maria Amélia Ribeiro Barro Lima, 20\$; Vestina de Carvalho Tôres, 20\$; Maria Júlia Azevedo Lima, 40\$ — Tôdas de Esposende. José Célio da Silva, 12\$; Viriato Marques de Abreu, 20\$; Raúl da Fonseca, 12\$; Maria Olímpia Carvalho Ferreira, 20\$ — Todos de Bombarral Fernando Martins Soares, 20\$ — S. Pedro do Sul. Manuel Maria dos Santos, 25\$ — Maceira-Liz. Viúva de António Alves de Oliveira, 50\$; Maria dos Santos Pinto, 50\$; António José Cerqueira, 20\$; Albertina Sobral, 20\$; Maria José Monteiro da Encarnação, 15\$; Dr. Alfredo Amaral, 50\$, Amélia Rodrigues Marques, 30\$; Luísa Furtado, 100\$, Mineira de Coimbra, L.ª 100\$; Dr. Joaquim Cánova, 50\$; Dr. Paulo Merêa, 100\$; Vitorino Tôres Correia, 20\$; Dr. José Guardado Lopes, 25\$; Alcina Teles, 20\$; José Pires Ferreira, 25\$; Maria do Céu Nunes Granada, 50\$; Maria de Lourdes dos Reis e Cunha, 25\$; Alda Anachoreta Correia, 25\$; Maria Delfina Borges, 50\$ — Todos de Coimbra. José Lopes da Costa, 20\$ — Senhora Aparecida. António Lopes da Cunha Magalhães, 20\$ — Senhora Aparecida. Maria Isolina Aguiar, 30\$ — A'gueda. P.º Joaquim José de Queirós, 30\$ — Figueiró. Artur Teixeira da Costa, 20\$ — Serrilha. Dr. Manuel Silva, 25\$ — Elvas. Dolores da Silva Duarte Frutuoso, 20\$ — S. João da Madeira. Olímpia Dias Freire, 24\$; Padre José Rodrigues Lobo, 70\$; Dr. Agostinho Vaz Patto, 50\$ — Todos de Oliveira do Hospital. Joaquina Augusta Frade, 12\$ — Castelo Branco. Maria José Sampaio Frade, 10\$ — Nisa. Diamantina de Medeiros Ferreira, 30\$ — Montijo. Adriano Gonçalves Coimbra, 50\$ — Tondela. Maria Júlia Correia Brandão, 40\$ — Oliveira de Azemeis. Dr. Francisco da Silva Pinto, 40\$; Maria Clementina de Vasconcelos Barbosa, 50\$; António Júlio Lima de Macedo, 15\$; — Todos de Braga. Abade de S. Tiago, 5\$ — Cucujães. Agostinho Lopes da Costa, 24\$ — Cucujães. Júlia de Almeida, 24\$ — S. Tiago de Ribal-Ul. Marta Pinto Leite, 24\$ — Arrifana. Elisa Mexia de Almeida, 100\$ — Mora. Virgínia Matias Serra Campos, 25\$ — S. Martinho da Cortiça. Margarida Pinto, 20\$ — Ferreira do Zezere. Estelita Baptista Cotrim, 20\$ — Ferreira do Zezere. Egilda Sequeira, 20\$ — Leiria. Maria Fernanda de Almeida de Eça Monteiro, 20\$ — Celorico da Beira. João Manuel Fonseca, 30\$; Esmeralda Santos, (1944-45), 50\$; Maria Emília Borges, 24\$; Anibal Alves Borges, (1944-45), 100\$ — Todos da Figueira da Foz. Afonso Lares, 50\$ — Anadia. Maria Rosa Didier, 50\$; Maria Abrantes da Fonseca, 25\$; Eduardo Ramos, 50\$; Adelaide Fonseca, 25\$; Ernesto de Queirós Ribeiro, 20\$; J. de Sousa Guedes, 100\$ — Todos da Foz do Douro. Engenheiro Mário Borges, 50\$ — Águas Santas. Leonor de Almeida, 25\$ — Granja. José Bernardo Ferreira, 50\$ — Granja. Helena de Sousa Dio Ribas, 50\$ — Famalicão. Maria Quirino Saraiva, 50\$ — Figueiró da Serra. Maria Júlia de Sousa, 25\$ — Tarouquela. Maria de Lourdes Eliseu, 30\$ — S. Martinho do Pôrto. Comendador Luciano Fernandes Falcão, 20\$ — Miranda do Côrvo. Maria da Anunciação Gomes, 20\$ — Fontearcadinha. Maria Angelina Sá Pereira, 25\$ — Alpedrinha. Virgínia Pereira de Castro, 50\$ — Seneleis. António Augusto Afonso, 25\$ — Alverca do Ribatejo. Maria Luísa da Rocha Camargo, 100\$; Padre António Abranches, 50\$; Judith de Magalhães, 30\$; Henrique Manuel Valério da Silva, 20\$; José da Silva Pereira, 20\$; Beatriz Mendonça, 50\$; Menino Francisco José de Sá Pereira, 25\$; Tenente Félix Alberto Mateus F. Lobo, 30\$; Alcídia Lopes Martins, 15\$; L. B. G. 50\$; Regina de Meireles, 20\$; Júlia Duarte Cabrita, 20\$; Rui Azevedo Lemos Correia Leal, 50\$ — Todos de Lisboa. José Rodrigues, 30\$ — Viseu. Ana Maria Azevedo Martins Costa, 25\$ — Póvoa de Varzim. Mademoiselle Janine Wild, 25\$ — Estoril. Madame G. Wild, 25\$ — Estoril. Herminio Capelo, 20\$; Adelino Marques de Carvalho, 40\$; Ofélia Rosa Ramos, 20\$ — Todos de Tôres Vedras. Abel Aires de Almeida Santos, 40\$ — Santa Comba Dão. Dr. Carlos Sacadura Bote P. Mascarenhas, 20\$ — Lousã. Professor A. Saraiva de Carvalho, 50\$ — Régua. Maria Teresa da Costa, 25\$ — Aveiro. Alfredo de Melo Vaz Pinto, 50\$ — Arouca. Redacção da Stella, 20\$ — Cova da Iria. Edgar da Costa Guimarães, 30\$ — Valadares. Serafim de Oliveira Guedes, 20\$ — Vila Nova de Gaia. Augusta Vitória Cerdeira, 15\$ — Vila Nova de Gaia. Maria Adelaide Moreira, 40\$ — Leça da Palmeira. Engenheiro Inácio Teixeira da Mota (1944-45), 50\$ — Caramulo. António Cruz, 25\$ — Ermezinde. Pedro Marinho, 50\$; Aldora Ferraz, 20\$; Alice Siza Vieira, 20\$; Teodoro de Sousa Henriques, 100\$; José Albeijon Mora, 20\$; A. Pinhal Jor., 100\$ — Todos de Matosinhos. Dr. Mário Monterroso, 20\$ — Amarante. Dr. João Fernandes de Freitas, 20\$ — Guimarães. Professor Alberto Carlos Neves de Oliveira, 20\$ — Guaiães. Maria da Conceição Formigo, 40\$ — O'bidos. Padre Joaquim Francisco Ferreira, 50\$ — Vila Nova de Ourém. Cecília Marques dos Santos, 50\$ — Montemor-o-Novo. Dr. José de Matos Ratinho, 50\$ — Cardigos. Dr. João Antonio da Costa Lima, 40\$ — Castelo da Maia. Padre António Coelho, 50\$ — Val de Porca. José Marques Bouça, 50\$ — Freixianda. Helena Costa, 25\$ — Sangalhos. Engenheiro Inácio Teixeira Coelho, 30\$ — Fermil. Padre José de Jesus Capela, 25\$ — Chispar. Vergília Ferreira de Almeida, 20\$ — Chispar. Padre José António Moreira de Sousa, 100\$ — Vila Cova de Carros. Dr. Alfredo Alvarinho, 30\$ — Mêda. António Joaquim Moreira, 100\$ — Mogadouro. Maria Alice Cunhal Gonçalves Ferreira, 70\$ — E'vora. Sargento Francisco Ribeiro Ramos, Pires, 25\$ — Açores. Dr. Azemiro Dias de Carvalho, 40\$ — Paço de Sousa. Padre Manuel Nogueira Coelho, 25\$ — Marco. Ana Amália de Serpa Pinto Miranda, 50\$ — Marco. Professora Jesufina Branco, 25\$ — Malveira. Professora Carlota Almeida Carvalho, 25\$ — Odivelas.

Pobres de Cristo

Como tem ido nos números anteriores continuamos a socorrer os três pobres necessitados. O de S. Lourenço vai indo menos mal e só lhe falta a cama que êle muito precisa e mais a roupa.

O de Bairos continua na mesma e ainda não se queixou de que precisa de cousa alguma. Veio no sábado buscar a esmola mas não levou a borôa porque ainda estava no fôrno a cozer. Veio buscá-la no domingo.

A do Lugar do Assento manda cá buscar a esmola de manhã logo que eu acabo de ajudar à Missa do Snr. Padre Américo. Pediu muito aos queridos leitores se me davam então a cama e a roupa para o de S. Lourenço de que tanto necessita.

O Secretário,
JOSÉ EDUARDO.

NOTÍCIAS DO LAR

Costuma ser um domingo o dia escolhido para jantar em Coimbra com os Rapazes do Lar. Estão todos. Nos outros dias, teem trabalhos e escola. Eram 29 à mês, a derradeira vez que ali estive. O Luiz Ferraz, Maioral, presidia.

O Lar do ex pupilo dos Reformatórios, é uma obra que oferece recursos de toda a ordem aos dêles de boa vontade.

Não pretendemos ser nem de facto temos sido felizes em todos os casos. Muitos, desertam. Não suportam climas de altitude moral. Eram da rua; querem regressar. Porém, a regra geral é dos que se salvam.

Muito devo pessoalmente ao actual Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, o qual nunca me diz que não, quando se trata de negócios do Lar. E, até, gostaria de me abrir mais a porta, se eu podesse fundar no Pôrto, para abrigar os pupilos do norte, uma réplica ao Lar de Coimbra. Não se afasta a ideia; espera-se um sacerdote. Mais um sacerdote. Os trez que já somos nas Casas do Gaiato, são ali precisos. Os Bispos, podem sugerir êste ou aquêle, sim. Mandar—não.

Estes lugares, são luxo da magnificencia divina. Não há padre que por si mesmo o mereça.

Se os Bispos tivessem conhecimento adequado da altura da miséria social em nossos tempos, haviam de inquietar-se e juntar esta, às mais dores que já padecem:—vêr as frentes desertas!

Sim; a frente da miséria e suas consequências, é o que mora nas trazeiras das ruas, e estas estão desertas! Ele era tão facil a fundação no Pôrto, de um Lar semelhante ao de Coimbra! Um sacerdote, uma governante e os Rapazes. Entregar a obra aos rapazes.

Leva-los pelo brio. Leva-los pela responsabilidade. Tão facil! Os técnicos irritam-se com obras assim, pela sua simplicidade. Gostam do aparato.

MAIS UM

CHEGOU à nossa porta um farrapão. Pouco antes, tinham os rapazes acabado de tomar a refeição da manhã e foi, até, à saída do refeitório, que muitos quedaram, a escutar o garôto. Nisto, o Amadeu Elvas vai à cozinha por um prato de papas de milho, senta-o à mesa e fã-lo comer. Nasceu-lhe no coração. A nossa regra estimula, acalenta, dá asas. Nós somos uma aurora, na rotinica de séculos.

O ARDINA

DIRECTORA: MARIA LUISA

Suplemento do «Gaiato», feito por ardinias, para os ardinias, gaiatos e... grandes! Na «Casa do Ardina» — Calçada da Glória, 39 — LISBOA

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR JOSÉ EDUARDO

História do Jornal «O Ardina»

Que te hei-de eu contar hoje, jornal «Ardina»?... A minha vida já tu a sabes! O que eu sou também!... Que mais tenho a dizer?!... Mas «O Ardina» respondeu-me: «Tens muita coisa a dizer, se tu quizeres!»

E eu tanto pensei que isto me surgiu: Como já estou na «Casa» há muito tempo, vou contar a tua história, «Ardina».

Foi na Colónia de Férias da Parede que o nosso pequeno jornal foi pensado, e foi começado a fazer-se: em 1943. Foi esta a data em que ele foi fundado.

Tinha pouca eloquência por um lado, mas por outro tinha muita. Acabou durante algum tempo, depois foi novamente feito mesmo ainda na Colónia, mas pouco tempo esteve porque surgiu a nossa vinda. Hoje, até que enfim está a andar direito; aos princípios ainda estava um bocado côxo, mas agora começou a andar sem defeitos nas pernas, e sempre com muito valor para nós. Está muito bem feito, sim senhor, gosto porque é bom. Pois foi esse o desejo de alguém nesta casa: dar aos ardinias o nosso camarada jornal e, já que começou, há-de segui-lo, se Deus quiser. Pedimos nós todos para que assim seja.

Por Cristo, devemos fazer bem, só o bem em auxílio da «Casa do Ardina» e em louvor de uma grande milagre, que é de não entrar a guerra em nosso paiz.

João Marques Pereira.
13 anos

A «Casa do Ardina» e eu

Estava eu um dia no «Diário de Lisboa» quando ouvi dizer que havia a «Casa do Ardina» e então vim com o Roberto para falar com a Senhora e saber como é que eu podia entrar cá para a «Casa» e ela disse-me que era preciso dar o nome e não só dar o nome como portar-me muito bem. Que, depois, me mandaria chamar a casa.

Disse-me também que eu tinha de vender 20 «Gaiatos» de cada número e eu, logo no primeiro número que vendi, vendi 30!

Passados uns dias, já eu conhecia os meus colegas

todos e também conhecia os nomes de cada um. Desde aí, gostei sempre da «Casa do Ardina» e continuo sempre a ser lhe muito afeiçoado.

Manuel Tomé
13 anos

Serafim Gomes
14 anos

Um inquérito

Preguntamos: Como deve ser um bom ardina? E recebemos, entre outras, estas respostas:

Ser honrado para com os fregueses e os pais, para que eles tenham confiança em nós. Embora sejamos pobres, se formos honrados e andarmos limpos, teremos valor.

Serafim Gomes
14 anos

Deve dar o dinheiro que ganha à sua mãe, porque é ela quem dá o alimento. Ser leal para com os fregueses, pois são eles que nos dão o dinheiro a ganhar.

Albino Coelho
15 anos

Não deve ser caloteiro, nem malcriado, nem andar atrás dos eléctricos. Deve também tratar bem os fregueses, não fumar, andar limpo, calçado e bem lavado e nunca jogar à pancada.

José Aleixo
15 anos

Versos

Minha alcunha é o Minhocas Do Arco do Carvalhão Que é sitio bem popular; Tenho lá a minha toca A minha cama no chão Meus cobertores ao luar.

Acompanha-me a alegria Quando apregão os jornais Pelo meu bairro adorador Assim vivo, dia a dia, Abafando os tristes ais Que me teem torturado

José Aleixo
15 anos

Exames...

Eu, Serafim Gomes, pensei em escrever um artigo para o jornal «O Ardina», que é o que se segue:

Eu, quando vim para a «Casa do Ardina» pensei em fazer exame de instrução primária e tenho ideia disso, pois estudo o mais que é preciso para o fazer. Ao princípio, ia pela conversa dos outros e não queria saber de estudar, mas,

depois, despreguei-me dos outros e fui para o pé daquêles que queriam fazer também exame.

E cá vou a caminhar!...

Doativos do mês de Março

De um visitante, 30\$00; Anónimo B (Matozinbos), 50\$00, (émensual? obrigado!); De um anónimo (entregue à porta), 10\$00; Da Igreja de N.ª S.ª de Fátima, 100\$00; Duma snr.ª titular 100\$00; Duma noelista, revistas; Do Sindicato Nacional dos Vendedores de Jornais, 50\$00; Duma noelista, emblemas e medalhas; De uns visitantes de Castelo de Vide, 1 fato completo, sapatilhas e meias. Do Grémio da Imprensa Diária, 100\$00; Das amigas do Lar de S. Mamede (para comprar Banacão), 220\$00; Duma senhora (dado num eléctrico), 10\$00; De uma pequenita, livros de estudo; Da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco (a Jesus), 100\$00; De um visitante, cadernos e lápis; De uma amiga da casa, uma dúzia de ovos; De um advogado, por intermédio do Snr. Padre Moreira das Neves, 930\$00; Duma noelista de S. Mamede, 0\$00. De uma amiga da «Casa», 1 tanque de lavar roupa, uma cama de ferro e um tapete para a «Casa» nova; De uma senhora de Leça da Palmeira, naperons; De uma Noelista amiga da «Casa», 500\$00; Do Adelino (ardina da «Casa») flores; Anónimo (pelo correio), 100\$00; De um amigo (vale de correio), 50\$00; Venerável Ordem Terceira de S. Francisco (a Jesus) em comemoração do II aniversário da «Casa do Ardina», 200\$; Anónimo (entregue à porta), gravatas; Do Adelino, mais flores; De uma Conceição de Lisboa, uma colecção de Revistas do Centenário, para vendermos...

Um anúncio

Temos uma linda bicicleta de senhora para vender. Quem a quere comprar?

Vendê-la-emos, como é natural, a quem der mais por ela.

Aceitamos ofertas.

António Gonçalves Pereira (o ardina-chefe e enfermeiro da Casa do Ardina)—17 anos

E, agora, para terminar:

Um caso

Há dias bateram dois rapazes à porta da «Casa do Ardina».

O Fernando Lopes — um garoto de 12 anos, tão franzino que não parece ter mais de 9, veio dizer-nos com ar grave: «São dois pequenos a pedir uma buchinha, porque estão com fome...»

— Vai tu mesmo à cozinha pedir pão para lhes dar...»

Antes de ir pelo pão, o nosso Fernando voltou atrás a confiar-nos:

— «Estão a fumar, minha Senhora! Tão «pequenos» e já a fumar! Parece impossível!...»

— Vai dar-lhes o pão e zanga-te com eles por estarem a fazer isso. Faze-lhes ver o mal que lhes causa. E's capaz?»

— «Sou, sim» — afirmou o Fernando, muito penetrado da missão que lhe fora confiada.

Daí a pouco, veio ao pé de nós, radiante, feliz: — Os «pequenos» ficaram contentes e prometeram-me não voltarem a fumar».

«Mas que idade têm os pequenos?» — inquirimos.

— «Já são grandes, dizem-nos o Fernando Lopes», deviam ter 15 anos, segundo me disse o Fernando da Conceição...» (Ardina da «Casa» de 15 anos de idade)

Ficámos mais contentes do que os «pequenos» que haviam recebido o pão e a lição...

E' que a atitude do Fernando Lopes serve de lição até a muitos «grandes»! Vimos a autoridade que têm os pequeninos para gritar a verdade, o bem, aos mais fortes! A autoridade moral que os nossos ardinias vão ganhando no meio ardina, graças a Deus!

E temos cada vez mais forças para lutar e pedir para uma obra que dá tanto rendimento Social.

Tornar o ardina consciente da sua dignidade, do seu valor moral e social, levando-o a compreender e ser compreendido pela sua família, à qual o prendemos cada vez mais!

E' o nosso programa.

Maria Luísa

FOMOS no dia 23 de Abril dar um passeio perto do Monte de Calves, com o Sr. Padre Fatela. Pelo caminho o Sr. Padre comprou um tostão de tremoços para cada um, onde teve de pagar quatro escudos e vinte centavos número dos rapazes que foram dar o passeio. Mal chegamos a uma casa que estava situada no monte pedimos logo água porque os tremoços fizeram sede. Fui logo eu e o Gari buscar um regador cheio de água à fonte. Andamos a jogar a bola em que formamos dois grupos: F. C. do Pôrto e Académica em que o Porto saiu vencedor por 3-0. Eu era o guarda-rédes do Porto. Este grupo alinhou: José Eduardo, Maximiano, Amadeu, Jacinto e António. O outro alinhou: Daniel, Fernando, Gari, Rio Tinto e Celorico. Foram marcados dois penaltos causados pelo Maximiano e marcados pelo avançado Rio Tinto que eu em dois estirangos os defendi de rastos. A' vinda viemos tódos a cantar e apanhamos uma mólha porque estava a chover.

///

Amadeu só para cobrir o pequenito, o Toneco que vinha todo molhado do passeio, tirou o casaco para o abrigar da chuva.

///

Carlos Inácio quando falo dêle no jornal não quer que eu diga só Inácio porque — diz êle — ninguém o conhece por ê-se nome, por isso fica todo arreliado.

///

JA plantamos muitas varas de cebolo que muito é preciso para casa, mas também não plantamos só o cebolo como também semeamos o linho e as melancias e melões.

///

A senhora que deu a bola ao Oscar deu-lhe também uma gaita de beijo. Um senhor também deu uma gaita de beijo e um peão que já tem setenta anos, da sua infância, ao Elvas.

///

UMA senhora veio cá trazer um pequeno que era de Trás-os-Montes e o sr. P.º Américo entregou-mo a mim para eu tomar conta dêle e para o moralizar. Essa senhora disse se eu o educar bem que me trás uma bola de borracha.

///

Manuel que tinha por apelido «Despacho» foi para uma tipografia do Porto trabalhar. Foi um senhor que pediu um rapaz que já tivesse feito o exame de 2.º grau, e então o sr. P.º Américo mandou-o a êle.

///

Mário foi pela primeira vez vender o «Gaiato» ao Porto, porque o sr. P.º Américo prometeu-lhe quando êle tivesse as botas novas que c deixava ir. Foi uma verdadeira alegria para êle! Veio radiante! Vendeu quasi tudo.

Redacção
A P...
fora/
quante
mos.
quand
teirit
na po
senhor
assiste
São n
respon
a ser/
Cread
a lâmi
Co
mente
equilib
a class
Contar
destes
social.
Ro
gentilr
casas,
que o
os arti
pouco
Da
tomad
poder
ciosas
Casa
muito
Que
sonho
Gaiat
coloni
consti
atê u
lanço
sôbre
noites
pouco
rapaz
bem
N
que i
tro
Os h
se fo
peita
Reis.
tro a
F
vern
tamb
Mas
tissir
plan
toda
T
a en
mes
N
noss
sang
A
dos
Ense